INTERLÚDIO - PALAVRAS SENSÍVEIS AO VENTO

DOUGLAS FELIPE GONÇALVES DE ALMEIDA
Universidade Federal de Uberlândia

Antes de avançarmos às articulações Natureza[s] deste dossiê, insere-se aqui um interlúdio. Longe de cumprir função meramente simbólica, trata-se de uma pausa metodológica, reflexiva e, sobretudo, sensível. Suspende-se, ainda que momentaneamente, a linearidade da revista para tensionar estruturas antrópicas centralizadoras e hierarquizadas, historicamente posicionadas como eixo de primeira ordem. Ao mesmo tempo, este intervalo busca explicitar tensões, silêncios e deslocamentos que atravessam os objetos aqui mobilizados, abrindo o terreno interpretativo entre a literatura indispensável e aportes mais recentes da historiografia ambiental, os quais reposicionam o natural e expandem os limites do dizer histórico.

INTERLÚDIO – PALAVRAS SENSÍVEIS AO VENTO[1]

Meu irmão veio correndo mostrara um brinquedo que
inventara com palavras. Era assim:
Besouros não trepam no abstrato.[2]
MANOEL DE BARROS.

Este Dossiê não poderia desatender às *Ciências outras* frente ao recrudescimento das catástrofes e às palavras insensíveis[3]. Existem *Ciências outras*; não são nem melhores nem piores do que as que as antecedem ou do que as que se mantêm na inflexão e na inalteração. As antigas, sem anacronismo, mas mais do que um tanto antrópicas; as mais recentes, quando não rompem com o ordinário, apenas atualizam a insensibilidade -

[1] Inspiração originada no Interlúdio de TSING, Anna Lowenhaupt. **Viver nas ruínas:** paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019. p. 86-89.

[2] BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 23.

[3] Em um texto de 1944, comentando o livro *Les bases biologiques de la géo-graphie humaine*, de Maximilien Sorre, Fernand Braudels discutiu o exercício fascinante de pensar o homem em sua simples materialidade animal, em sua condição de "homeotermo de pele nua", em seu lado elementar de ser biológico, sensível ao quente, ao vento, ao frio, à seca, à insolação, à insuficiente pressão das altitudes, ocupado incessantemente em procurar e assegurar sua alimentação, obrigado a defender-se enfim, sobretudo hoje em que se tornou consciente do perigo, contra as doenças que o seguem por toda parte. Um tipo ideal que nos desafia, por apresentar um aspecto fundamental e tantas vezes esquecido [...] (p. 29). PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *In*: FRANCO, José Luiz de Andrade *et al.* **História ambiental.** Fronteiras, recursos e conservação da natureza. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 17-38.

limitação[4] - epistêmica. *Ciências outras* nas historiografias como a de Dominick LaCapra e de Ewa Domańska. *Ciências outras* que abrem novas umepistemologias. Ante ao mero refazer, essas extrapassam o então conhecido e contínuo, o linear e corriqueiro, o sempre assim e a perpetuidade - engendrando uma reconceitualização[5] do lugar do humano e gretando, por fim, as bibliografias de sempre.

A preocupação ecológica deriva desta época recente.[6] Trata-se de uma ecologia para o fim, ou melhor, para os fins. Fins da supressão de floresta para carvão. Fim de indústrias poluidoras. Fim também de vidas. De ecossistemas. A ecologia tem sido o imiscuir de muitas mortes não humanas no agora a pouco e das de amanhã, que já são esperadas, quase certas. E essa mesma ecologia está intrinsecamente fixada ao calendário. É justamente nele que se dá o apequenamento dos dias vivíveis, do futuro humano, quando estamos nas historiografias antes das além/aquém do humano. E quem o apequena é justamente esse mesmo humano tantas vezes central. Não se está a dizer o gênero humano como suicida, mas dos modos e ocasiões fazedores de morte. É justamente no modo humano de palavrear - sistematizando conceitos, moralidades, leis, condutas, objetivos... - que se mortificam, em maior ou menor grau de consciência, as vidas outras e, por consequência, a nossa. É indelével a marca humana de ser e produzir fins.

Antes de qualquer descrença ou desilusão no agora e no amanhã, talvez um tanto que utópico, mas há saídas possíveis. Resta observar no calendário se há tempo hábil. Julga-se que talvez. Mas aí é preciso ir além do simples remediar. Trata-se de um pensamento marxista? Em parte, sim - é preciso revolucionar. E essa revolução pode começar nas palavras de cada tempo. Tantas dessas foram escritas aquém de nós. Em mundos que não mais conhecemos. Edmundo O'Gorman[7] criticou as palavras da colonização. E Nego Bispo avançou essa proposta: "enfeitiçar a língua!"[8] Não se trata de inaugurar um novo tópico para a História. LaCapra denomina esse movimento como

[4] PINTO, 2023. p. 12. Compreensão, justiça e generosidade: por um ethos além do humano. *In*: LACAPRA, Dominick. **Compreender outros**. Povos, animais, passados. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. p. 11-22.

[5] Ibid., p. 124. LaCapra, ao desenvolver a ideia de reconceitualização, passa a explicitá-la a partir da página 106.

[6] PÁDUA, José Augusto; LAGO, Antônio. **O que é ecologia**. São Paulo: Abril Cultura; Brasiliense, 1985. p. 11.

[7] Ler O'GORMAN, Edmundo. **A invenção da América**: reflexão a respeito da estrutura histórica do novo mundo e do sentido do seu devir. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

[8] SANTOS, Antônio Bispo. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: UBU Editora; piseagrama, 2023. p. 14.

reconceitualizar[9] os estudos históricos. Aqui, o termo revolução parece igualmente adequado.

É preciso contracolonizar a estrutura organizativa[10] do pensamento. Pádua, ao recorrer a Worster, afirma que a História Ambiental constitui uma "ampliação da análise histórica".[11] A historiografia ambiental não propõe a negação das páginas já escritas - e bem escritas -, tampouco sugere que a historiografia existente seja menor. Não se exige retroativamente uma atenção que só vem se desenvolvendo ao longo das últimas décadas. O retorno do historiador às páginas já escritas, contudo, abre-se em um tecido investigativo acompanhado de *ciências outras* e de novas sensibilidades. Retoma-se o passado e seus fatos, permitindo gretas por onde escorrem córregos e ervas daninhas, inaugurando uma nova luta e, mais recentemente, balbuciando uma nova linguagem própria do tempo de novas ecologias.

Percebemos que a natureza, nas leis, nas músicas, nas culturas e nas demais linguagens do tempo, não está inteiramente às mínguas, mas segue rarefeita quando o que se exige é pensá-la em estrutura essencial, em densidade ontológica, como vida natural por si e em si. O mais recorrente não é seu reconhecimento pleno, mas sua tradução em recurso, suporte, cenário, paisagem ou exterioridade disponível ao humano. Também fora das leis, nas organizações culturais de cada época, a natureza comparece muitas vezes capturada por palavras que correspondem menos ao vivo, atentas aos interesses do tempo: palavras de uso, de gestão, de domínio, de contenção.

Com ciências outras e epistemologias sensíveis, voltadas ao cuidado, à pluralidade das dimensões[12] e à interação a partir de perspectivas que não se orientam exclusivamente pelo antropocentrismo, abrem-se possibilidades de viveres... Viveres que esvaem do humano qualquer sentido de superioridade absoluta e o reinscrevem não como centro soberano da existência, mas como parte entre partes, vida entre vidas, corpo entre mundos. Não se trata de desprezar ou de tornar irrelevante a figura humana, mas de reposicioná-la em relações para além da espécie, de forma mais horizontal. São propostas epistemológicas que poderiam incidir diretamente sobre os modos de ser no mundo.

---

[9] LACAPRA, Dominick. **Compreender outros**. Povos, animais, passados. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. p. 106.

[10] SANTOS, Antônio Bispo. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: UBU Editora; piseagrama, 2023. p. 74.

[11] PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *In*: FRANCO, José Luiz de Andrade *et al.* **História ambiental.** Fronteiras, recursos e conservação da natureza. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 33.

[12] PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *In*: FRANCO, José Luiz de Andrade *et al.* **História ambiental.** Fronteiras, recursos e conservação da natureza. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 32.

Ainda estamos nos eruditos paradoxos:[13] dicotomia humano versus natural. Sem natureza! E muitas vênias cotidianas para degradar vidas. Essa ponderação crítica e resistente dialoga com a urgente necessidade de alterar, sobretudo, o modo exclusivamente antrópico - e, de forma ainda mais grave, socioeconômico - que transforma vidas [naturais] em subterfúgios de modos coloniais de usurpação, geração de valor e destruição.

É preciso ocupar a educação ambiental. Também é preciso ocupar os interesses do latifúndio. Do agropastoril. Das madeireiras. Das hidrelétricas. Da mineração. Inverter o performático. Alterar o interessado dos verbos das COPs, das Assembleias, das leis e de outras gramáticas institucionais: fazer com que já não correspondam apenas aos cálculos do humano, mas às urgências do vivo em sua pluralidade. Corresponder não só ao que garantira futuro a vida humana, mas a outras não-humanas. É isso que dizem Ciências outras. Há de se querer palavras outras; na História, voltar páginas e identificar o natural ali. E em outros, destituir o humano das intrusões de superioridade.

Sigamos em busca de novas palavras. Por novas práxis. Ruptura com o sentido único. Abdicar do colonial. Novas fábulas. Os mitos calados - deixem-nos falar. Economias circulares. Palavras emocionadas. Ervas daninhas. Gatos. Céus estrelados. Chuvas. Assobios. Lágrimas. Direitos de existirem - vidas, espécies, companheiros, alimentos, vírus, pulsos e energias. Manter-se no ordinário, apenas demarcando sentidos sem apontar para as ciências outras, seria insuficiente. Sobretudo no esperançar que delas se derivem estruturas para novos sentidos de natureza.

São possíveis ciências outras cujo comum são as folhas que caem, os pássaros e seus cantos, as mangas caídas do vizinho, a chuva forte pausando aeroportos. Seres humanos não egoísticos[14]. O eu com eles, com aquilo, com aqueles, com essas - humano, bichos, árvores, vento. A História, como ciência, vai encontrando essas palavras em seus procedimentos historiográficos. E elas vão adquirindo sentidos. Sendo sentidos. Fazendo sentidos. E deixá-las distantes desta pesquisa seria incorrer, contraditoriamente, em erro.

Ocupar os outros e futuros verbos com ousadia metodológica e astúcia epistêmica. Partir de sentidos outros, deixando para trás as características de desenvolvimento, valor

[13] "E ainda que, graças à história, já conheçamos bastante bem o feixe de causas que provocam o atual descarrilamento do geoecológico, a reviravolta exige um esforço que interesses imediatos, hábitos consolidados e inércia dos dispositivos técnicos tornam difícil de imaginar. Este é, aliás o paradoxo expresso pelo conceito de antropoceno [...] (p. 329). CHARBONNIER, Pierre. **Abundância e liberdade**. Uma história ambiental das ideias políticas. São Paulo: Boitempo, 2021.

[14] DOMAŃSKA, Ewa. **A história para além do humano**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2024. p. 37.

e utilização do antropocentrismo que se desenrola não somente à luz do sol - metáfora ao capitalismo que finda até mesmo os sonos. A justificativa mais concebível para enfeitiçar os verbos é partir do sentir-pensar. E precisa-se de tempo para pensar. Não só o tempo de discussões. O tempo de leituras. Pensar sentado não basta. O afetamento é indispensável, ou os verbos continuarão a reproduzir modos de interação do tempo colonial.

Como viveremos em um mundo organizado pelos modos antropocêntricos? Habitar o mundo assim é viver em ruínas. Ruínas legalizadas. Ruínas ainda mais devastas para os outros - para as naturezas não humanas. Mas estamos todos nesse mesmo habitar. Não há como fugir. Dá para fingir não ver. Mas sentir as ruínas torna-se cada vez mais inerente. Mesmo quando quem sente é o Outro. *É possível sentir as naturezas, refazer as palavras e percorrer, com novas práxis, outros modos de habitar o mundo.*